

Mercado S/A



AMAURI SEGALLA
amaurisegalla@diariosassociados.com.br

O mercado brasileiro tem potencial para gerar US\$ 100 bilhões em receitas até 2030

Johannes Eisele/AFP



Buffett diminui aposta no setor de carros elétricos

Os carros elétricos são uma aposta promissora para o futuro, certo? Para o lendário investidor Warren Buffett, nem tanto. A Berkshire Hathaway, sua empresa de investimentos, vendeu 1,3 milhão de ações da fabricante chinesa de veículos elétricos Byd, num total de US\$ 47 milhões. Ainda assim, a sua participação na montadora é alta (19,9%). A Byd vive o melhor momento desde que foi fundada, em 2003. No primeiro semestre, superou a americana Tesla como a maior produtora de elétricos do mundo.

Indústria de gás natural vive novo ciclo de expansão

Em virtude dos valores elevados e da expectativa de maior demanda por gás natural, o mercado global do combustível vem passando por um ciclo de expansão, com empresas desenvolvendo novos projetos de produção e liquefação. Para Eduardo Antonello, fundador das empresas de infraestrutura Golar Power e Sunshine LN, o momento é estratégico. "O desafio está em convencer o mercado a focar numa visão de longo prazo e compreender que a substituição da matriz energética global demora para ocorrer", diz.

Por que as empresas estão de olho no mercado de crédito de carbono

Já houve um tempo em que metas ambientais eram apenas jogo de cena das empresas para transmitir uma imagem positiva ao mercado. Hoje em dia, é diferente. Os indicadores são acompanhados de perto por certificadoras que não se arriscariam a ludibriar a opinião pública com avaliações fajutas. O mercado de crédito de carbono foi outro fator que conferiu maior seriedade a esse tema. Como se sabe, os créditos de carbono são certificados atrelados a projetos de redução das emissões de gases do efeito estufa (GEE). Essa diminuição é quantificada (em toneladas de gases) e convertida em títulos negociados com governos, empresas e até pessoas físicas. Portanto, o que está em jogo é dinheiro — muito dinheiro, diga-se. Segundo estudo realizado pelas consultorias ICC Brasil e Way Carbon, o mercado brasileiro tem potencial para gerar US\$ 100 bilhões em receitas até 2030. Ou seja: cedo ou tarde, nenhuma empresa vai querer ficar fora disso.

Divulgação/Azul Linhas Aéreas Brasileiras



Azul fecha 2021 na liderança do mercado aéreo doméstico

A companhia aérea Azul liderou o mercado doméstico brasileiro em 2021. No período, transportou 22,8 milhões de passageiros, à frente da Latam (19,9 milhões) e Gol (18,8 milhões). A empresa repetiu o desempenho nas decolagens, respondendo por 41,7% do total de voos realizados no país, enquanto Latam e Gol ficaram, respectivamente, com fatias de 26,1% e 24,4%. Os dados fazem parte do *Anuário do Transporte Aéreo 2021*, publicado pela Anac (Agência Nacional de Aviação Civil).



A razão de uma empresa existir deve ir além de gerar lucro e criar valor para os acionistas. Ela precisa contribuir para o bem-estar de toda a sociedade"

Raj Sisodia, escritor indiano, consultor empresarial e criador do movimento Capitalismo Consciente

RAPIDINHAS

» A montadora Nissan e a empresa de aluguel de carros Movida fecharam uma parceria para estimular o uso de carros elétricos na região sul do Brasil. O projeto, que terá o apoio da rede de postos Sim e da startup Zletric, consiste na instalação de pontos de recarga espalhados por rodovias do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

» O mercado brasileiro de crédito está em expansão. De acordo com informações do Banco Central, o saldo de empréstimos concedidos pelo sistema financeiro chegou a R\$ 4,96 trilhões, o que representa um avanço de 17,8% nos últimos 12 meses. O BC diz que o número corresponde à maior taxa de crescimento desde 2012.

» O e-commerce chinês AliExpress tem planos ambiciosos para o Brasil. Um dos objetivos para 2023 é inaugurar um Centro de Distribuição próprio, o que certamente tornaria mais ágil as remessas dos vendedores brasileiros que estão plugados na plataforma. Atualmente, a empresa opera oito voos fretados semanais.

» O Waze Carpool, serviço de carona criado pelo aplicativo de mobilidade em 2016, será descontinuado em todos os países onde opera, inclusive no Brasil. Segundo o Google, dono da plataforma, a pandemia e o trabalho remoto afetaram o negócio, mas a verdade é que ele jamais decolou. O fim da operação ocorrerá já em setembro.

66,8 milhões

de brasileiros não conseguem pagar em dia suas contas, segundo a Serasa Experian. Em apenas um ano, 4,6 milhões de pessoas se tornaram inadimplentes.

CONTAS PÚBLICAS

Superavit cresce em julho

Alta da arrecadação e queda de despesas como salários e precatórios levam governo a ter saldo primário de R\$ 19,3 bilhões

» FERNANDA STRICKLAND
» RAFAELA GONÇALVES

Washington Costa/Ascom/ME



Segundo Paulo Valle, redução de gastos extraordinários com a pandemia ajudou no resultado

As contas do governo central registraram superavit primário de R\$ 19,3 bilhões em julho, o segundo maior da série histórica, só perdendo para julho de 2011, de acordo com a Secretaria do Tesouro Nacional. O saldo positivo foi puxado principalmente pela alta da arrecadação tributária, que atingiu o recorde de R\$ 206,6 bilhões no mês passado, mas também pela queda de despesas importantes, como o gasto com salários de servidores, que não tiveram reajuste nos últimos anos. Em junho, o resultado havia sido de R\$ 14,4 bilhões.

Segundo o secretário do Tesouro Nacional, Paulo Valle, o desempenho veio acima das expectativas também por conta do fim de despesas extraordinárias relacionadas ao combate à pandemia. "Além disso, ainda não foram pagos R\$ 25 bilhões em precatórios, dívidas judiciais da União, que foram adiados pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Com isso, teremos 12 meses sem o pagamento de precatórios, o que ajuda bastante", observou Valle.

O governo central compreende Tesouro e Banco Central, que fecharam o mês com saldo positivo de R\$ 38 bilhões, e a Previdência Social, que teve resultado negativo de R\$ 18,7 bilhões, acumulando um rombo de R\$ 187,805 bilhões nos sete primeiros meses do ano.

A economista Carla Beni, professora MBAs da Fundação Getúlio Vargas (FGV), destacou que o deficit da Previdência já era esperado. "A última reforma foi

importante, mas não teve a intensidade ou na forma que deveria. Então, é natural que tenhamos deficits constantes na Previdência", disse.

Considerando o resultado acumulado de janeiro a julho, o governo central passou de um deficit de R\$ 73,1 bilhões, em 2021, para um superavit também de R\$ 73,1 bilhões em 2022. Este é o melhor resultado desde 2012, considerando valores corrigidos pela inflação.

Em termos reais, a receita líquida teve acréscimo de R\$ 135 bilhões (alta de 15,1%), enquanto a despesa total caiu R\$ 20,3 bilhões (1,9%) quando comparadas ao mesmo período de 2021.

A expectativa do governo é que as contas fechem o ano no azul. A União está autorizada a encerrar 2022 com deficit primário de até R\$ 170,5 bilhões, meta fiscal definida pela Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO). No entanto, os técnicos do Tesouro acreditam que será possível fechar o ano com superavit, o que seria o primeiro saldo positivo para as contas do governo central desde 2013.

Euforia

Para o economista Raul Velloso, especialista em contas públicas, houve reduções atípicas de despesas neste ano em relação

a 2021, como no caso da Previdência e dos gastos relacionados com a covid, além da ausência de reajustes salariais. Ele observou, porém, que, nos próximos meses, tudo isso pode ser, em parte, compensado pela começo da inserção de gastos bem mais expressivos do Auxílio Brasil.

"Considerando os dados acumulados de janeiro a julho, repetiu-se o mesmo fenômeno de coincidirem o valor do superavit de 2022 com o deficit acumulado em 2021, ao redor de R\$ 73 bilhões, deixando a burocracia fazendária bastante eufórica com algo que não costuma acontecer nesses últimos anos de grande aperto financeiro", afirmou Velloso.



A dúvida que fica é sobre o que virá pela frente, pois já se sabe dos gastos adicionais que o governo resolveu turbinar nas proximidades da eleição"

Raul Velloso, economista

BNDES paga ao Tesouro

O ministro da Economia, Paulo Guedes, formalizou no *Diário Oficial da União* despacho com devolução antecipada de valores do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) ao Tesouro Nacional. O documento não informa o montante pago.

Em maio, no entanto, a instituição de fomento informou que devolverá, até o fim do ano, R\$ 34,3 bilhões, contribuindo para a redução de uma dívida remanescente de R\$ 122,5 bilhões com a União. Dos R\$ 34,3 bilhões, R\$ 3,6 bilhões foram devolvidos até abril.

O presidente do BNDES, Gustavo Montezano, informou, naquele mês, que outros R\$ 13,3 bilhões tiveram o pagamento aprovado internamente, mas a instituição de fomento aguardava aval do Banco Central para concretizar o repasse ao Tesouro.

Além disso, dos R\$ 34,3 bilhões previstos para serem devolvidos até o fim deste ano, R\$ 5,4 bilhões são pagamentos ordinários de juros e principal. Os R\$ 28,9 bilhões restantes são de liquidações antecipadas.

Os recursos repassados pelo BNDES ao Tesouro são pagamentos por empréstimos feitos pela União à instituição financeira, nos governos do PT. O objetivo era aumentar a capacidade do banco para financiar o crescimento de grandes grupos, chamados de "campeões nacionais".